

ENTREVISTA: ILCÉI MIRIAM

# Giz, lousa e cavaquinho

*Margareth Brandini Park\**

Quem assiste a um show da cantora Ilcéi Miriam pensa estar diante de mais uma entre as inúmeras sambistas que percorrem palcos pelos quatro cantos do país. Dona de uma voz grave e muito afinada, a cantora, sempre acompanhada de seu cavaquinho, no entanto, leva ao público, além da música, muito da cultura brasileira.

O cavaquinho não é o único diferencial de Ilcéi. Ela se destaca pela inteligência, pela bagagem cultural, pelo ideal de quem quer, por meio da música, falar de um Brasil cheio de contrastes, de coisas belas e de preconceito.



Ilcéi Miriam não é apenas cantora, sambista e tocadora de cavaquinho. É historiadora que faz uso da música para transmitir conhecimentos de história. Quebrando regras e convenções de uma sala de aula – e por conta disso torna-se, não raro, mal compreendida – a professora e sambista, à sua maneira, promove shows que têm a história do Brasil como pano de fundo e aulas de história que têm o cavaquinho como fundo musical. É justamente esse o tema da entrevista a seguir:

\*Margareth B. Park é pedagoga e doutora em Educação

**Margareth B. Park** – Em sua trajetória profissional, música e história sempre caminharam juntas. Você acredita que transmitir conceitos de história por meio da música é algo possível?

**Ilcéi Miriam** – Há anos eu atuo no universo da cultura

popular, da Música Popular Brasileira, da história do Brasil, da história do samba. É, sim, possível essa união entre música e história. É algo que pode ser enriquecedor para o professor, para o aluno, pois permite a transmissão de um conhecimento de forma agradável,

prazerosa, menos maçante. Sei que é difícil quebrar essa barreira, essa idéia concebida de história como matéria decorativa, aquela coisa de datas, nomes de pessoas, de lugares, de batalhas. Por meio desse trabalho, transmitindo a história tendo a música como ponte, a gente pode

olhar esse ensino de outra maneira. É possível transmitir e receber esse conhecimento com prazer. É aprender com prazer e isso é fundamental se quisermos ter sucesso nessa arte de ensinar, de ministrar aulas.

**Margareth B. Park** – A música é um instrumento que mexe de diferentes maneiras com as pessoas. Ela desperta saudade, tristeza, alegria, enfim, diferentes emoções. Houve um tempo em que a música era usada como instrumento de protesto, como no período de repressão que caracterizou fortemente a ditadura militar. É possível fazer uma comparação da música daquela época com a produção musical dos dias de hoje?

**Ilcéi** – Estamos falando nos anos 60, 70, um momento de efervescência dos grandes festivais de música. Estamos falando de um tempo em que eu não havia nascido, mas que tenho informações pelo que vejo, pelo que leio sobre o assunto. Adoraria ter vivido aquele momento, chegando a me pergun-

tar: 'será que eu nasci na época errada?' A música era uma forma de escape das pessoas, uma maneira de protestar contra aquilo que estava instaurado. Hoje, num processo de

“

A música era uma forma de escape das pessoas, uma maneira de protestar contra aquilo que estava instaurado. Hoje a música perdeu um pouco essa função

”

redemocratização do país, a música perde um pouco essa função [a do protesto] e mantém mais aquela coisa mágica, da poesia – quando falamos,

logicamente, de composição de qualidade.

**Margareth B. Park** – A escola formal, ao tentar impor um certo grau de disciplina, acaba por mexer com a questão corporal. Considerando sua experiência, pode-se pensar que o ensino de história por meio da música facilita uma certa transgressão?

**Ilcéi** – Não dá pra gente estudar história batucando o tempo inteiro. Tem que ter o momento do batuque e o momento da conversa, do debate e da exposição minha em relação ao texto. Não é só alegria o tempo todo e aí eles confundiam muito isso. Então eu tinha que ser mais enérgica. Ai eles falavam: 'Ah, mas você não gosta?' Eu falava: 'Eu até choro por causa disso, mas agora não é momento, não dá pra gente misturar as situações dessa forma'. Mas, a questão é: por que eles têm essa necessidade de liberar, de fugir daquela posição estática? Para permitir aos alunos a chance de extravazar cheguei, em algumas oportunidades, a usar o cavaco

em sala de aula. Mas tive que fazer isso de maneira comedida porque rolava por trás o seguinte comentário: 'Naquela classe está havendo aula de história ou de música?' Percebi que isso causava um mal estar, alguns professores comentavam e isso era bastante desagradável. Surgiam comentários do tipo: 'Se você quer ser artista, se você quer ser cantora, então siga o seu caminho, não venha fazer isso aqui na escola que você desarruma as coisas'. Isso me chateava muito.

**Margareth B. Park** – É difícil envolver a comunidade em atividades escolares?

**Ilcéi** – Da mesma forma que é muito importante, é extremamente difícil conseguir esse envolvimento. Deve-se pensar em iniciativas que tragam a comunidade para dentro do espaço escolar. Lembro-me de uma ocasião, na última escola em que trabalhei, na Cidade Jardim, em que deveríamos inaugurar um palco. A idéia inicial era fazer algo pequeno, envolvendo apenas alunos e professores. Aí, argumentei que a inauguração de um es-

paço para o desenvolvimento da arte não deveria ser algo simples, fechado entre os muros da escola. Deveríamos, sim, promover um evento e fazer disso um dia especial, que chamasse para

““

Surgiam comentários do tipo: "se você quer ser artista, quer ser cantora, siga seu caminho. Não vem fazer isso na escola que você desarruma as coisas

””

dentro da escola os familiares dos alunos. Houve resistência, alguns afirmavam que isso daria muito trabalho para organizar e divulgar e que não valeria a pena

porque os pais não apareceriam. Boa parte dos professores não se envolveu no projeto. Mesmo assim, marcamos, então, uma data, no final do ano. Fizemos uma divulgação simples, na base do boca a boca e com cartolinas. Foram feitas apresentações de música, de teatro, de coral – foi um grande sucesso. Isso nos mostrou que é preciso sair do modelo tradicional se quisermos fazer algo que chame a atenção dos pais, algo que atraia a comunidade para dentro da escola.

**Margareth B. Park** – Como e quando o samba passou a fazer parte da sua vida?

**Ilcéi** – Minha relação com o samba começou muito cedo. Era criança quando comecei a ter contato com música. Minha família era muito festeira, meus tios eram muitos jovens e gostavam demais de festas animadas com muito samba. Assim, ouvia com frequência discos de Jorge Ben, Clara Nunes, Benito Di Paula, Martinho da Vila, grande nomes da nossa música. Todo esse clima rolava na casa de minha avó e por conta disso eu não queria

mais ir para minha casa que era um silêncio – eu confesso que achava um tédio. Meu avô materno, na década de 50, participava de festivais regionais e por conta disso o ambiente era muito musical. Cresci nesse meio e acabei me contaminando no bom sentido.

**Margareth B. Park –**  
Como se deu a sua formação musical?

**Ilcéi –** Comecei primeiro aprendendo violão, mas eu só tocava, pois eu tinha muita dificuldade de cantar e tocar. Tinha uma professora que tocava em tom muito alto e eu não acompanhava. Minha voz era muito grave e isso acabou me desanimando. No entanto, isso não era motivo para me afastar da música. Mudei de professor e revolvi tomar aulas apenas para aprender a tocar. Por outro lado, sem a presença do violão, eu cantava e não achava horrível. Foi aí que meu professor disse que deveríamos adequar a altura do instrumento ao meu tom de voz. Aí comecei a trabalhar mais essa relação do canto e do instrumento. Com o tempo ele percebeu

que de todos os ritmos que cantava o que eu me saía melhor era o samba. Eu cantava sem desafinar e acompanhava bem o cavaquinho que ele tocava. Foi quando ele sugeriu que ficasse no

“

Meu avô materno, na década de 50, participava de festivais regionais e, por conta disso, o ambiente era muito musical. Cresci nesse ambiente e me contaminei

”

samba e que me empenhasse em aprender a tocar cavaquinho. Recosa, resisti e disse que não daria conta de dedilhar um instrumento com cordas de aço já que

no violão as cordas são de nylon e isso faz muita diferença. Ele acabou me emprestando o instrumento. Pensei muito e ele me disse que a única receita seria estudar muito se quisesse aprender a tocar alguma coisa.

**Margareth B. Park –**  
Você sentiu muita dificuldade pra entrar nesse mundo do samba, de tocar um instrumento que, em princípio, pertence ao universo masculino?

**Ilcéi –** Certamente. Levou muito tempo para eu conquistar crédito entre aqueles que conviviam comigo. Ninguém acreditava que uma mulher, numa roda de samba masculina, pudesse tocar cavaquinho, um instrumento aparentemente masculino. Muitos não se dirigiam à minha pessoa. Senti na pele aquela coisa da invisibilidade humana. Eu era invisível aos olhos deles.

**Margareth B. Park –**  
Esse preconceito ainda existe nos dias de hoje?

**Ilcéi –** Em lugares em que

as pessoas não me conhecem muitas vezes isso ainda ocorre. Devagar, vou ganhando reconhecimento e conquistando espaço. Noto esse comportamento com clareza quando vou apresentar o show *Samba de Batom*. Percebo que fica no ar um clima de surpresa e dúvida quando vêem uma mulher tocando um instrumento como cavaquinho.

**Margareth B. Park –** Em que momento em sua trajetória de educadora o samba foi eleito como um mote, uma inspiração e uma ação formadora?

**Ilcéi –** Muitas vezes as coisas ocorrem de forma não planejada. Em momento algum eu pensei: 'um dia vou fazer isso, realizar planos e projetos...'. Isso realmente não aconteceu dessa forma. Eu já vinha trabalhando há anos como educadora, professora de história na rede pública, fazia essa junção da disciplina e música porque eu sempre gostei muito da história da música, conhecer um pouco sobre a vida do compositor, do artista, do cantor, saber de sua tra-

jetória. Queria saber como ele viveu, quando e como começou a cantar, quando começou a fazer sucesso, as dificuldades etc. Dessa maneira eu trabalhava a história, tentava tornar o assun-

“

Ninguém acreditava que uma mulher numa roda de samba masculina pudesse tocar cavaquinho, um instrumento aparentemente masculino

”

to mais agradável aos alunos. Quando passava trabalho para ser feito em casa, eu deixava muito claro que não queria aquela produção escrita em que um

fazia e os demais copiavam. Sempre achei um estresse ficar lendo aquele monte de material copiado de diferentes fontes e que pouco acrescentava. No entanto, não abria mão de cobrar conhecimento em provas dissertativas. Sempre busquei maneiras alternativas de transmitir conhecimento. Além de unir música e história, fazia trabalhos com alunos em sala de aula usando jornais, uma maneira de desenvolver interdisciplinaridade em sala de aula. Dessa maneira, além de história e música trabalhávamos elementos de geografia, português, educação artística, educação física, matemática, meio ambiente. Fazia muito essa dinâmica, apesar das dificuldades.

**Margareth B. Park –** Quais são os sambistas que você usa em sala de aula para falar de música e história?

**Ilcéi –** São vários porque a história do samba é uma história super rica, com muitos compositores e intérpretes. Mas não dá para falar do assunto sem mencionar Paulinho da Viola, Cartola, Martinho da Vila,

Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Clara Nunes, Adoniran Barbosa e Geraldo Filme.

**Margareth B. Park –** No universo feminino, há alguma compositora que você focaliza com maior ênfase?

**Ilcéi –** São várias as mulheres que fazem parte desse universo como Clara Nunes, Beth Carvalho, Elizete Cardoso, Clementina de Jesus. Mas eu gostaria de destacar Dona Ivone Lara, a dama do samba. Foi a primeira mulher a tocar cavaquinho e a participar de uma ala de compositores de uma Escola de Samba no Rio de Janeiro. Se nos dias de hoje eu tenho que superar momentos e olhares preconceituosos, imagino o que deve ter passado essa sambista que está com mais de 80 anos. Só para ter uma idéia do que sofreu essa mulher é lembrar que muitos sambas de sua autoria eram assinados por um primo dela. Imagina uma escola de samba levar para a avenida um enredo feito por uma mulher. Era algo inadmissível. Esse assunto me permitia, entre outras coisas, discutir em sala de aula questões de gênero, de preconceito etc.

**Margareth B. Park –** Qual a sua opinião sobre a produção musical de Campinas, mais especificamente sobre o samba campineiro?

“

Se nos dias de hoje eu tenho que superar momentos e olhares preconceituosos, imagino o que deve ter passado Dona Ivone Lara, hoje com mais de 80 anos

”

**Ilcéi –** No que diz respeito ao resgate da cultura do samba, seria interessante mencionar o ‘Pagode da Vó Tiana’, que

ocorre na Vila Industrial, e tem sido um importante reduto do samba produzido na cidade. Outro artista é o inspiradíssimo compositor campineiro Niva do Grupo Partido Alto que tem canções gravadas por Alcione, Reinaldo, Mauro Diniz, Jovelina Pérola Negra e outros. Há também grupos e compositores que vêm aparecendo no circuito, ganhando notoriedade, conquistando boas colocações em concursos e festivais. Apenas para ilustrar podemos falar do trabalho do músico e compositor Edu de Maria, do Grupo Cupinzeiro e do jornalista Bruno Ribeiro. No entanto, na produção desses artistas não dá para desconsiderar o papel da Universidade e da mídia. A Universidade, em primeiro lugar, pelo ambiente de cultura, de fundamentação, de troca de idéias e de experiências, enfim, pelo ambiente de criação que ela propicia. Em segundo, a mídia que se mostra mais sensível ao assunto na hora de levar essas informações ao grande público, buscando destacar para esse tipo de trabalho jornalistas mais preparados para lidar com o tema.